

FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM A NOITE DA ESPERA

Haidê Silva (USP)¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar as relações possíveis entre Ficção, História e Memória na obra *A Noite da Espera*, primeiro volume da série *O Lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum. Na obra em questão, a personagem Martim, um jovem paulista, muda-se para Brasília após a separação traumática dos pais nos anos 60. Em Brasília, ele faz amizade com um variado grupo de adolescentes, do qual fazem parte filhos de altos e médios funcionários da burocracia estatal e também com os moradores das cidades-satélites, espaço relegado aos migrantes desfavorecidos.

Palavras-chave: Ficção; História; Memória; A Noite da Espera;

Introdução

O objetivo do presente trabalho é analisar as relações possíveis entre Ficção, História e Memória na obra *A Noite da Espera*, primeiro volume da série *O Lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum.

Na obra em questão, a personagem Martim, um jovem paulista, muda-se para Brasília após a separação traumática dos pais nos anos 60. Em Brasília, ele faz amizade com um variado grupo de adolescentes, do qual fazem parte filhos de altos e médios funcionários da burocracia estatal e também com os moradores das cidades-satélites, espaço relegado aos migrantes desfavorecidos.

Enquanto estudante, na Universidade de Brasília, ele participa direta ou indiretamente dos movimentos estudantis, das ocupações e escapa por pouco da repressão, mas de qualquer forma, é obrigado a exilar-se para não ser preso.

Assim, na narrativa, o drama familiar, vivido intensamente pela separação dos pais, ausência da mãe e relação conflituosa com o pai, se entrelaça com a história da ditadura militar, enquanto passado e presente dialogam num texto híbrido no qual as lembranças de Brasília, que a personagem conseguiu manter através de anotações e fotografias que guardou minuciosamente, se misturam com o tempo do exílio em Paris.

¹Doutora em Letras. (USP). Contato: haidesilva1@terra.com.br ou silvahaide@gmail.com

Ficção, História e Memória

A respeito das relações entre ficção, história e memória, Montolli (2013), citando Ricoeur (2007), afirma que a verdade é o elemento comum entre história e memória. E, no entanto, o que diferencia memória e ficção é justamente a busca pelo passado com a intenção de encontrar a verdade, de fidelidade, o que nesse contexto se opõe à ficção, já que a função da memória, de acordo com os autores mencionados, não seria a de preencher as lacunas deixadas pelo passado com a imaginação:

Na apreensão da relação da memória à história, Ricoeur (2007) detecta a verdade como sendo o elemento comum entre ambas. Segundo esse autor, a busca do passado, visando à exatidão, à fidelidade, à verdade, tende a invalidar a ideia da equivalência da memória à imaginação. Se esta última se identifica com o irreal e com a ficção, a memória, apesar de sua fragilidade e de seus enganos, visa, ao contrário, à fidelidade e à verdade. A história reencontra, então, a memória nessa sua ambição de verdade. (MONTOLLI, 2013)

Dessa forma, e de acordo com o excerto acima, a verdade seria o elemento capaz de promover o encontro entre memória e história, ao mesmo tempo em que serviria para distinguir os propósitos da memória e da ficção.

Por outro lado, a definição de memória feita por Le Goff (2012), aproxima memória e ficção, quando se refere à organização dos acontecimentos por intermédio da linguagem, principalmente no que diz respeito à utilização dos recursos narrativos:

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. [...] assim, Pierre Janet considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo, que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Aqui intervém a linguagem, ela própria produto da sociedade. Desse modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima linguagens e Memórias. (LE GOFF, 2012, p. 406-407)

Sobre o valor da memória, Le Goff (2012), considera que a memória é o elemento essencial para a constituição da identidade, uma vez que tanto os sujeitos individuais

quanto coletivos, recorrem a ela em todos os momentos, inclusive nos momentos mais difíceis, como os de angústia:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 2012, p. 455)

Ainda sobre o valor da memória, para Le Goff (2012), “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. (LE GOFF, 2012, p. 457).

Diante do exposto, ficção, memória e história se relacionam à medida que fazem uso da linguagem, que é um produto social, e principalmente a partir da utilização do recurso narrativo, que serve e muito bem a todas. A partir dessa constatação, é preciso estabelecer algumas diferenças. Já vimos que a verdade é o elemento que une história e memória, mas também pode ser o que separa memória e ficção. E já constatamos que a história se alimenta da memória para salvar o passado, justamente para que este possa servir ao presente e ao futuro.

Com o objetivo de analisar a obra *A Noite da Espera*, de Milton Hatoum, para verificarmos as possíveis relações entre ficção, história e memória nesta narrativa, vamos considerar que a memória alimenta a história para salvar o passado. E que no contexto da obra em questão, o passado é salvo, ou seja, escapa ao esquecimento, primeiramente quando o narrador organiza um arquivo de memória pessoal, guardando alguns documentos, fotos, cartas e anotações. Enfim, como uma forma de recuperar a memória em algum momento do futuro; e, em segundo lugar, quando esses documentos são revistos durante o processo de escrita dessa memória, ocasião em que os acontecimentos são recuperados pelo narrador, e registrados através do recurso narrativo e por meio da ficção.

Trabalhamos então com a hipótese de que o narrador, procedendo dessa forma, atua de maneira semelhante ao historiador, uma vez que examina os documentos e alimentado pela memória, registra, através da ficção, a história daqueles que não tiveram voz naquele período sombrio da nossa História, mas que podem ter as suas vozes registradas, através da obra de ficção. E dessa forma, a ficção pode funcionar como arquivo da memória e da história da ditadura no Brasil.

A Noite da Espera

É uma narrativa na qual o drama familiar, vivido intensamente pela separação dos pais, ausência da mãe e relação conflituosa com o pai, se entrelaça com a história da ditadura militar no Brasil. E então, passado e presente dialogam num texto híbrido, no qual as lembranças de Brasília, que a personagem conseguiu manter através de anotações e fotografias que guardou minuciosamente em um caderno, se misturam com o tempo do exílio em Paris.

A obra é composta por vinte e cinco capítulos, cujos títulos e subtítulos se assemelham a anotações feitas em um diário: Paris, dezembro, 1977; Rue d'Aligre, Paris, março, 1978; Hotel das Nações, Brasília, janeiro, 1968; Asa Norte, Brasília, madrugada de sábado, 22 de junho, 1968, etc;

O narrador deixa bem claro os procedimentos que utilizou para compor seu arquivo pessoal de memória enquanto vivenciava os acontecimentos, arquivo que acessou algum tempo depois, no exílio em Paris, momento em que se dedicou à escrita, ou seja, ao registro do passado recuperado pela memória, através da obra de ficção:

Rue d'Aligre, Paris, março, 1978

Tirei da sacola a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre. Comecei a datilografar os manuscritos: anotações intermitentes, escritas aos solavancos: palavras ébrias num tempo salteado. (HATOUM, 2017, p. 16-17)

No entanto, o seu arquivo pessoal não é suficiente para acessar a memória do passado e então, o narrador recorre às lembranças dos colegas que compartilharam com ele alguns dos momentos cruciais que deveriam ser registrados:

As anotações desta página terminam com a palavra “caverna” e reticências. Lembro pouca coisa do que aconteceu depois. [...] quem sabe o Nortista não tenha lembranças daquela noite no apartamento do Fabius, sem a memória dos outros eu não poderia escrever. (HATOUM, 2017, p. 71)

O amigo a quem o narrador recorreu como recurso para ajudar a compor os registros que não estavam ao alcance da sua memória, responde ao apelo através de uma carta:

São Paulo, 22 de outubro de 1978

Me perguntaste sobre a noite da Tribo no apartamento do embaixador Faisão, pai do nosso tão querido amigo, o inesquecível Fabius. Minha memória fisgou episódios. Cinzas do tempo [...] Estranho lembrar essas coisas quase dez anos depois, Martim, uma década é uma eternidade e um lampejo. Lembrar, escrever no porão desta casa que tu visitaste uma vez. (HATOUM, 2017, p. 74)

E assim, seja recorrendo ao seu arquivo pessoal, composto por documentos que julgou importante guardar, seja através do recurso à memória de outros que compartilharam um passado em comum, o narrador vai salvando o passado do esquecimento, à medida que o registra através da ficção.

Nesse contexto, a vida solitária do narrador se entrelaça com os acontecimentos que marcaram o ano de 1968, ou seja, a história pessoal da personagem Martim se mistura com a história da repressão sofrida pelo movimento estudantil e também pela sociedade que os apoiava em Brasília.

No plano pessoal, Martim sofre muito com a ausência da mãe após a separação dos pais, e principalmente, com a angústia que lhe causa o silêncio e o mistério que envolveu essa separação:

Um artista, um pintor. Sabia apenas isso do homem que seduziu minha mãe. Em 22 de dezembro de 1967, ela saiu de casa e foi viver como artista. Essa decisão inesperada, talvez intempestiva, me perturbou. Meu pai tinha certeza de que minha mãe voltaria, mas ela me disse que não o amava mais, e que nós dois e o artista moraríamos juntos. (HATOUM, 2017, p. 19)

Lina não cumpriu a promessa de que morariam juntos, ao contrário, não divulgou sequer o endereço de sua moradia com o artista, e o tio Dácio ficou encarregado de receber e encaminhar as cartas e também de intermediar os possíveis encontros, esperados ansiosamente por Martim, que nunca se concretizaram.

E como se o sofrimento provocado pela ausência da mãe não bastasse, a solidão da personagem era aprofundada a cada dia, pelo isolamento que o separava do pai, pois embora morassem juntos em um apartamento na Asa Norte em Brasília, eles praticamente não se falavam:

Brasília, agosto, 1969

O Nortista perguntou se eu queria jantar com eles. Disse que ia comer em casa, com meu pai. Uma mentira, mais que uma desculpa. Vivemos sob o mesmo teto, mas longe um do outro. Aceitamos isso, talvez por sabermos que já estamos separados, como dois prisioneiros em celas vizinhas. (HATOUM, 2017, p. 67)

No plano coletivo, a narrativa está centrada no registro dos acontecimentos que envolvem a repressão ao movimento estudantil, como aulas canceladas, mortes de estudantes, comícios, protestos, passeatas e demais acontecimentos daquele ano de 1968:

Sexta: as aulas da tarde foram canceladas, a maioria dos alunos do Centro de Ensino Médio tinha ido à assembleia no campus. Durante o almoço no bandeirão, os universitários falavam de comícios-relâmpago e protestos em vários lugares: rua da Igrejinha, praça Vinte e Um de Abril, calçada da Casa Tomas Jefferson... Um alto-falante no barracão da Federação de Estudantes transmitia uma música estranha, parecia marcha militar. Dinah distribuía panfletos e me chamou. Ombros nus, lábios vermelhos, o olhar inteligente no meu rosto. Quando ela me deu um panfleto, consegui dizer que ia ver um filme no Cultura. “Filme? Ontem a polícia matou um estudante no Rio. Não é hora de ir pro cinema. Mais tarde o Geólogo vai fazer um comício perto da Escola Parque. O Nortista e o Fabius vão pra lá.” (HATOUM, 2017, p. 39-40)

O estudante mencionado por Dinah é Edson Luís, que segundo Valle (2008), morreu no dia 28 de março de 1968, durante o choque da Polícia Militar com os estudantes do restaurante Calabouço, que protestavam contra o aumento do preço da refeição e pela melhoria e conclusão das obras do restaurante. A morte do estudante em questão aprofundou o conflito entre o movimento estudantil e a luta política contra a ditadura, o que teve repercussão no país inteiro e em Brasília não poderia ser diferente, conforme registra o narrador em *A Noite da Espera*:

Asa Norte, Brasília, madrugada de sábado, 22 de junho, 1968

Olhava um livro aberto, sem conseguir ler. Amanheci vencido pela insônia. Barulho na avenida L2: camburões e viaturas da polícia entravam no campus, soldados cercavam minha escola e o acesso à UnB. Não pude comer no bandejão, nem mesmo sair do apartamento. (HATOUM, 2017, p. 47)

Nesse contexto de repressão ao movimento estudantil, os amigos e integrantes da revista *Tribo* foram presos, e o narrador escapou por pouco, apenas porque se atrasou para a reunião que deveria organizar os artigos para o próximo número da revista:

Apartamento dos pais de Dinah, superquadra 105 Sul, segunda-feira, 11 de dezembro, 1972

Na calçada do Cine Cultura vi a placa luminosa da Super Comfort, senti um arrepio mórbido e me refugiei sob a marquise do cinema. Meus amigos e outros participantes da *Tribo*, enfileirados, de braços erguidos ou com as mãos na nuca, entravam devagar num camburão. Conteí oito ou nove pessoas, reconheci apenas Fabius e Vana. Um policial à paisana, baixo e atarracado, segurava o braço de uma moça que tentava se afastar da fila. Eu não a conhecia, os demais também eram desconhecidos. Esperei uns segundos, ainda vi a moça se desgarrar do policial e cair na calçada. A placa luminosa da Super Comfort foi apagada, voltei sem apressar o passo, seria imprudente correr ou olhar para trás. Ninguém por perto. Saí da W3, andei em zigue-zague pelas superquadras, e, quando cheguei à 105, um carro preto estacionava em frente ao bloco B. Esperei uns minutos, um gorducho engravatado apareceu no térreo, abriu um guarda-chuva e correu até o carro. Subi pela escada e toquei a campainha da área de serviço. “Todos presos”, eu disse a Dinah. “Se tivesse saído quinze ou vinte minutos antes, estaria com eles. Fabius sabe que eu vou dormir aqui.” (HATOUM, 2017, p. 228 – 229)

Imediatamente após a prisão dos amigos e integrantes da revista *Tribo*, o narrador e a namorada Dinah passam a ser procurados pela polícia, e como não havia lugar seguro em Brasília onde pudessem encontrar proteção, decidiram que o melhor seria deixar a cidade. Martim contou então com a ajuda da Baronesa, que conseguiu uma forma segura de mandá-lo primeiro para Goiânia, para que ele pudesse retornar a São Paulo, conforme relatado na voz de Dinah:

Terça-feira, 12 de dezembro, 1972

O Dops está atrás dos outros participantes da revista. Alguém abriu o bico na delegacia, os nomes apareceram. O teu, o meu, todos os nomes da Tribo... Pessoas que a gente nem conhece. Se a polícia baixar aqui, nós dois vamos ser presos. A casa de Lázaro e o apartamento do Damiano não são lugares seguros. Não tem lugar seguro. Vou ligar pra minha mãe, é o jeito. A Baronesa acha que você deve viajar amanhã cedo pra Goiânia e passar o dia num parque perto da rodoviária. Depois você pega um ônibus noturno pra São Paulo. O motorista vem te buscar antes das seis. (HATOUM, 2017, p. 233)

Martim não participou ativamente dos acontecimentos a que nos referimos durante o ano de 1968, mas sofreu as consequências como se estivesse participado, pois já havia sido preso e interrogado uma vez, e por isso, não poderia correr o risco de ser preso novamente. Então, quanto os seus amigos e integrantes da *Tribo* foram levados pela polícia, a única solução parecia ser justamente deixar Brasília, passando primeiro por Goiânia para conseguir chegar a São Paulo. E depois disso, o exílio em Paris.

Durante a viagem, a ausência da namorada e da mãe, levam o narrador a uma reflexão sobre o passado, e nesse momento surge a culpa misturada com a esperança: a culpa por não ter chegado na hora marcada e por não estar junto com os colegas presos, e a esperança de rever Dinah e quem sabe encontrar a mãe:

A voz de Dinah, ausente, era a voz que eu imaginava nas cartas que minha mãe não escreveu para mim. Já começava a ver a capital e o meu passado com olhos de desertor, me sentia culpado e acovardado por fugir, por não ter ido à reunião da *Tribo* na hora marcada, por não dividir com meus amigos uma cela da polícia política, uma culpa que crescia, como se fosse um crime. Uma traição à tribo de Brasília. Na solidão da viagem, uma parte da minha vida saía de mim, o coração dividido pela amargura e a esperança: não sabia se ir rever Dinah, quem sabe se encontraria minha mãe... (HATOUM, 2017, p. 236)

No exílio em Paris, quase dez anos depois, o sentimento de covardia atormenta o narrador, que revendo o passado, se sente um covarde por não ter participado das manifestações. No entanto, Martim justifica o seu comportamento passado, pois acredita que só não participou das manifestações em decorrência da pressão feita pelo pai, a quem ele não conseguiu desobedecer na ocasião, uma vez que o desejo de estar com os amigos era superado pelo medo do perigo anunciado pelo pai.

Rue d'Aligre, Paris, julho, 1978

Um covarde. É o que penso hoje, quase dez anos depois, nesta tarde sufocante de verão, o açougue e a loja de molduras fechados, os feirantes já foram embora, o cheiro de verduras murchas e de cascas de frutas espalhadas na rua se mistura com o bafo do calor. Um covarde que virou as costas para a manifestação. Lembro que fiz um último esforço de coragem para ir ao encontro de Dinah e dos meus amigos, o destemor deles me animava, e até Vana, medrosa e insegura, estava lá com o Nortista. Ainda dei uns passos na plataforma da rodoviária rumo à W3 Sul, mas a voz de Rodolfo surgiu como uma advertência de um grande perigo: “Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te libertar”. Atravessei o Eixo Monumental e andei devagar para a Asa Norte, ensaiando o que ia dizer ao meu pai, feito um réu que inventa um álibi para se livrar de um crime. (HATOUM, 2017, p. 51)

Considerações finais

Em *A Noite da Espera* as lembranças são evocadas a partir de um arquivo de memória individual da personagem. Essas memórias, documentadas cautelosamente foram revistas pelo narrador, e tomaram a forma de linguagem escrita para se apresentarem ao leitor através da ficção.

Nesse contexto, a obra de ficção pôde registrar, através do recurso à memória, tanto a história individual, ou seja, o drama familiar vivido pela personagem, quanto a histórica coletiva, ou seja, a repressão em Brasília, e a prisão dos estudantes e colaboradores da *Tribo* durante a Ditadura Militar.

Talvez o recurso ao registro da memória através da narrativa tenha sido uma maneira encontrada pelo narrador para aliviar o seu sentimento de culpa e covardia, e com isso minimizar a dívida com os amigos e integrantes da *Tribo* que ele deixou para trás quando embarcou para o exílio.

De qualquer forma, é através da ficção, que o narrador registra os acontecimentos de um tempo passado recuperado pela memória. E com isso, tanto o seu passado individual, o drama familiar mal resolvido, quanto o coletivo, que se refere à ditadura militar no Brasil, é recuperado e, portanto, salvo do esquecimento. E uma vez recuperado, esse passado, em forma de ficção, é também uma maneira de registrar a história individual e coletiva no período de turbulência que foram os anos de ditadura,

nos quais muitas questões ainda não foram esclarecidas, principalmente no que se refere à repressão ao movimento estudantil e à sociedade em geral.

Esperamos que com essa pequena análise da obra, tenhamos conseguido demonstrar e confirmar a nossa hipótese inicial, qual seja, de que o narrador, procedendo dessa forma, atua de maneira semelhante ao historiador, uma vez que examina os documentos e, alimentado pela memória, registra, através da ficção, a história daqueles que não tiveram voz naquele período sombrio da nossa História, mas que podem ter as suas vozes registradas, através da obra de ficção, que nesse contexto específico, pode funcionar, e muito bem, como arquivo da memória e da história da ditadura no Brasil.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- HATOUM, Milton. *A noite de espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- MONTOLLI, Carolina. *História, Discurso e Memória: Crimes da Ditadura Militar na Perspectiva Internacional*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2013. KOBO EPUB
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.